

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA E TEORIA: DISCUSSÕES E NOVAS REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO SOBRE O *LUPANAR* DE POMPEIA¹

Dra. Renata Senna Garraffoni

Departamento de História/UFPR

Tutora do PET-História desde setembro de 2010.

Resumo

O objetivo central desse trabalho é discutir a arqueologia clássica a partir de perspectivas e teorias pós-coloniais. A ideia central é partir de um estudo de caso – um dos bordéis de Pompeia - e discutir a relação entre política e sexualidade. Como os estudos recentes têm demonstrado, a sexualidade permeia muitos aspectos da vida cotidiana e a cultura material tem um papel fundamental na produção de interpretações menos homogêneas do Império Romano e seu povo.

Palavras-chave: Arqueologia Clássica, Pompeia, teorias pós-modernas.

Abstract

The aim of this paper is to discuss Classical Archaeology considering Postmodern theories and perspectives. The main idea is to focus on a case study – one of the brothels at Pompeii – to explore the relationship between politics and sexuality. As recent studies have been arguing, sexuality is embrocatod in many aspects of daily life and material culture is central to produce a less homogenous understanding of the Roman Empire and its people.

Keywords: Classical Archaeology, Pompeii, postmodern theories.

Introdução

Gostaria de iniciar essa reflexão situando o contexto no qual ela surgiu, pois diferente de outras pesquisas que realizei, essa ocorreu de forma inesperada e bastante espontânea. Deparei-me com os primeiros questionamentos em 2008, por ocasião de minha estada em Birmingham (Reino Unido)², quando desenvolvia uma pesquisa mais aprofundada sobre os grafites de parede em Pompeia e sua relação com os jogos de gladiadores. Essa experiência foi fundamental para que eu pudesse avançar em meus conhecimentos de Epigrafia latina (estudo das inscrições romanas) e perceber a importância de pensar a escrita em seu contexto material, aprofundando os argumentos em uma perspectiva que já vinha trabalhando: a noção de espaços da escrita.

¹ O presente texto é uma versão modificada e expandida de Garraffoni2010. Embora o corpus de documentação seja o mesmo, o texto agora apresentado tem uma reflexão teórica mais aprofundada e os argumentos mais consolidados a partir de comentários e sugestões recebidas durante a SAB-Sul e, também, das leituras realizadas por mim de 2010 até o presente momento.

² Nessa oportunidade realizei uma série de trabalhos em conjunto com Ray Laurence, enquanto era professor na Universidade de Birmingham e contei com apoio financeiro da British Academy, ao qual sou grata.

Enquanto buscava no CIL– *Corpus Inscriptionum Latinarum*³ - as inscrições referente ao universo dos jogos gladiatórios, notei a diversidade de inscrições na *via del Lupanar*, a rua em que se situa um dos prostíbulos de Pompeia. O que me chamou minha atenção naquele momento foi a quantidade de propaganda política (inscrições pintadas) para ocupar os cargos administrativos nessa cidade romana mescladas com grafites de cunho expressamente sexuais. Naquela ocasião, separei toda essa documentação, mas não tive tempo de me aprofundar em um estudo, já que o foco era outro. Depois, com a oportunidade de participar de um *workshop* liderado por Voss em 2009 e da TAG⁴ e considerando as críticas e comentários dos colegas envolvidos - aos quais sou muito grata -, notei que haveria uma possibilidade de tratar essa documentação de maneira a repensar alguns pontos de vista cristalizados na historiografia sobre Pompeia⁵.

Assim, partindo de uma discussão atual sobre a importância do pensamento pós-moderno na produção de perspectivas mais plurais para se pensar o cotidiano das pessoas comuns na cidade de Pompeia, o que busco nessa ocasião é sistematizar essas evidências e contrapô-las na tentativa de refletir sobre as implicações da cultura material nesse processo de revisão da historiografia e na abertura de novas possibilidades de reflexão que incluem política e práticas sexuais. Tais temas, que a princípio podem ser entendidos como esferas separadas e que não se misturam, nos provocam a rever pontos de vista e metodologia de trabalho, pois como destacou Martin Hall recentemente, pensar a sexualidade humana implica em perceber não só sua privacidade e sensoriedade, mas também seu aspecto público, ou seja, suas implicações nas estruturas sociais e econômicas dos povos estudados (Hall, 2012: 323).

Para tanto, retomo, inicialmente, algumas discussões mais teóricas para situar a partir de qual lugar eu falo para, em seguida, discutir a documentação. Embora se trate de um estudo ainda em andamento, acredito que os resultados preliminares ajudem a pensar a importância da cultura material para uma compreensão mais plural e dinâmico do cotidiano romano.

Um diálogo com Foucault

André Duarte recentemente afirmou que Michel Foucault brilhou no espaço público como um incansável polemista e ativista político (Duarte, 2010: 69). A base de seu pensamento seria, para Duarte, uma reflexão histórica e filosófica sobre as práticas e discursos acerca da

³ O CIL é uma série de catálogos organizados desde o século XIX por classicistas na qual é possível encontrar todas as inscrições coletadas no mundo romano até os dias de hoje. Esta coleção é imprescindível para se ter acesso aos grafites encontrados na península itálica e o volume 04 é integralmente dedicado às inscrições encontradas em Pompeia.

⁴ TAG – Theoretical Archaeology Group, realizando em Stanford, Palo Alto, EUA em 2009.

⁵ Primeira tentativa de reflexão foi publicada em 2010, cf. Garraffoni 2010.

modernidade. Seria por essa razão que se dedicou tanto a estudar a *épistémè*, o princípio de ordenação dos saberes que é anterior a enunciação epistemológica e, portanto, lugar de possibilidade de deslocamentos, um solo que '(...) *confere legitimidade e positividade ao saber de cada época*' (Duarte, 2010: 72). Assim, Foucault não teria feito História da Ciência, mas evidenciado as transformações das diferentes *épistémè* as condições de produção de conhecimento, ou seja, enfocou as relações de poder que envolvem a produção do saber, questionando a percepção de neutralidade científica, politizando-a.

As reações as suas provocações foram e ainda são objeto de reflexão em diferentes contextos e disciplinas. Tal fenômeno ocorre, acredito, por sua força e a vitalidade dos questionamentos propostos, pois como apontou Deleuze (1990) o pensamento de Foucault segue atual devido a sua lógica inovadora e profundamente crítica das formas de construir o pensamento científico ocidental. Sua principal contribuição estaria, para Deleuze, em transformar a História como parte de seu método de análise, provocando uma ruptura com as percepções do século XIX sobre o lugar da academia no contexto social moderno e a função do passado no presente. Esse segundo ponto, o lugar do passado no presente, é que eu gostaria de destacar para a presente análise e explorar a importância da ruptura proposta. A razão para esse recorte se justifica na medida em que é a partir das críticas e provocações lançadas por Foucault que muitos estudiosos de diferentes áreas começaram a perceber que era possível ampliar a percepção acerca do passado, afinal, se os estudiosos do século XIX o entendiam como origem, como continuidade, como herança, Foucault propôs pensá-lo como diferença, buscando por visibilidades e deveris excluídos dos discursos até então elaborados na academia.

Se observarmos atentamente *Arqueologia do saber* (1997 – 1ª Ed. 1969), por exemplo, percebemos a ênfase na necessidade da crítica aos documentos, esses não são mais entendidos como um reflexo do que aconteceu, mas recortes e tecidos que são moldados pelas mãos dos historiadores. Enfocando suas críticas no fazer do historiador, Foucault problematizou de forma contundente a construção do passado na modernidade, reinsereu o historiador no seu presente e destacou seu envolvimento com as questões políticas de seu tempo e suas subjetividades. Essa postura diante do passado propicia uma nova relação com os acontecimentos e com a produção de conhecimento a seu respeito; em sua proposta, o passado não é rastro ou continuidade, mas rupturas, fragmentos, questionamentos e descontinuidades.

O passado não é mais algo isolado, mas dependendo da posição teórica e metodologia de trabalho adotada pelo historiador pode ser abordado de formas múltiplas. Politizando as atitudes dos historiadores, Sara Mills (2003) comenta que Foucault abriu a possibilidade de pensar a instabilidade e historicidade dos conceitos e considera isso um dos aspectos mais revolucionários de seu pensamento, pois aboliu percepções de neutralidade arraigadas e cristalizadas no fazer do historiador. Essa postura gera uma força libertária de suas críticas e,

segundo Mills, propicia não só a reformulação de campos de saber, como também facilita a abertura de novas perspectivas de estudo. Ao criticar as utopias políticas, as grandes narrativas acerca do passado, os impactos do pensamento de Foucault atingiram áreas mais diferenciadas nas ciências humanas: renovaram as posições feministas, abriu espaço para as discussões pós-coloniais e as lutas para buscar novos espaços aos nativos que foram suprimidos do discurso hegemônico de poder, enfim, suas propostas se desdobraram e forçaram os intelectuais a refletir sobre os conceitos que usam para analisar as diferentes estruturas sociais.

Mesmo que boa parte das críticas tivesse sido direcionada aos historiadores, o estudo da cultura material não ficou ileso as transformações provocadas por esse processo de questionamentos. Ao longo das últimas décadas, os arqueólogos têm pensado seu papel de atuação nos diversos campos da disciplina e alterado profundamente suas formas de relação com o passado, renovando perspectivas e trabalho de campo. É dialogando com esse contexto acadêmico que situo a continuidade da presente reflexão. Considerando as novas abordagens acerca da Arqueologia Histórica gostaria de pensar os desdobramentos dessas críticas no interior da Arqueologia Clássica e, a partir de um estudo de caso, da cidade de Pompeia, analisar a multiplicidade de informações que suas paredes exprimem e como podem ser fontes importantes para pensar as margens do mundo romano e as diferentes experiências de vida quase nunca mencionadas nos discursos acadêmicos. Do ponto de vista metodológico, a proposta de análise da documentação visa desconstruir uma hierarquia entre fontes, muito presente nos trabalhos sobre Roma, na qual a cultura material teria função ilustrativa dos textos. Para tanto, explorar a epigrafia, a escrita romana, na sua diversidade e espacialidade, é um meio de abrir espaço para reflexões outras: por estar no limiar entre escrita e materialidade, as inscrições retiradas do *corpus* latino e reinseridas no espaço urbano constituem um meio alternativo para pensar sensibilidades, visões de mundo, encontros e desencontros em uma sociedade marcada pela pluralidade. O lugar de minha fala é, portanto, uma busca de diálogo com o mundo romano antigo, com sua diversidade, complexidade e ambiguidades, e, também, um convite para pensarmos as diferentes formas de se construir o passado e o papel da cultura material na produção de modelos interpretativos mais flexíveis e polissêmicos (Hodder 1989).

Roma antiga e o presente

Antes de iniciar o estudo de caso, acredito que seja interessante apresentar ao leitor não familiarizado com a arqueologia romana, mesmo que de maneira resumida, como essa discussão teórica e epistemológica afetou o campo. As críticas de Foucault, mencionadas anteriormente, provocaram mudanças no estudo da Antiguidade, mesmo que de maneira mais lenta e fragmentada que outras áreas. Richard Hingley (2005), por exemplo, discute a

importância dessas mudanças epistemológicas e suas contribuições para oxigenar o campo dos estudos clássicos, tradicionalmente descrito como mais resistente às mudanças teóricas. Talvez uma das marcantes contribuições, segundo o autor, seja o fato de que, aos poucos, classistas estejam percebendo que o mundo antigo não está isolado do presente e que os conceitos empregados para estudá-lo estão eivados por uma perspectiva eurocêntrica e nacionalista. Glaydson José da Silva (2007), nessa mesma perspectiva, afirma que entender as relações entre passado antigo e presente como discursos atravessados de vieses de classe, raça e gênero, tem permitido rever como a história greco-romana foi escrita a partir de interesses políticos que geraram a construção de modelos interpretativos homogêneos, obscurecendo as diferenças e conflitos sociais.

O que esses autores enfatizam, cada um a seu modo, é a importância de se pensar criticamente a postura que o estudioso estabelece com o mundo antigo: se as bases conceituais para seu estudo foram propostas em um ambiente imperialista europeu, questionar a noção de legado na História, assim como propõe Foucault, torna-se fundamental para romper com noções de hegemonia e para buscar alternativas interpretativas. Essas reflexões indicam um aprofundamento dos apontamentos que já apareciam esparsos em algumas publicações dos finais dos anos de 1980 como, por exemplo, as críticas de Martin Bernal (1987) aos usos do mundo grego para legitimar políticas na modernidade ou os trabalhos de Arnold (1990) no qual criticava as relações entre arqueologia e nazismo e suas maneiras de interpretar o passado antigo ou mesmo pré-histórico na Alemanha da primeira metade do século XX.

Todos estes estudiosos partem do pressuposto que o presente influencia a leitura do passado e, portanto, inserem o intelectual no momento histórico no qual vive. Do ponto de vista metodológico, exploram os meios de produção de um pensamento crítico e afirmam, como Hingley (2005), que tal procedimento evita o anacronismo, retira o fardo da objetividade, permite construir novas abordagens. Em suma, argumentam que essa postura inspira e sensibiliza o reconhecimento da diversidade de sujeitos que foram excluídos dos discursos acadêmicos e desafia a pensar qual tipo de passado estamos construindo.

O que se percebe a partir dessas considerações é que muitos estudiosos têm repensado métodos e teorias e questionado modelos canônicos estabelecidos sobre o conhecimento do mundo antigo em geral e greco-romano em específico. No que tange o mundo romano, as maneiras de se aproximar do passado são variadas: há aqueles pesquisadores que estudam somente os textos, outros que estudam a cultura material e os que buscam meios alternativos ressaltando a importância de trabalhar os dois tipos de evidências.

Laurence (2005), assim como Courtney (2007) e Hingley (2005), afirma que muitos arqueólogos e historiadores estudam o mundo romano em paralelo e nem sempre os profissionais concordam com o diálogo e acabam por reafirmar a separação entre o estudo da

cultura material e o texto⁶. Posicionar-se diante dessa questão é um desafio concreto para os estudos sobre o passado romano e, a partir dos trabalhos que tenho desenvolvido, acredito que é fundamental construir pontes de diálogos e evitar a separação. Para tanto, torna-se importante pensar a postura teórico-metodológica empregada no estudo, pois é preciso discutir a percepção de História e Arqueologia na qual o classicista é formado e, também, sua postura diante da possibilidade ou não de concretizar este diálogo.

Para construir as pontes e evitar as distâncias apontadas pelos estudiosos britânicos tenho recorrido às discussões teóricas acerca da Arqueologia Histórica. A razão dessa minha opção está relacionada, em especial, as discussões propostas por Hicks e Beaudry (2006), pois acredito que, de maneira geral, a Arqueologia Histórica, praticada a partir de uma perspectiva pós-processual desempenha um papel importante na crítica a interpretações generalizantes, baseadas em macro-modelos universalizantes e na ideia na qual a cultura material ilustra outras fontes. Ou seja, o que tenho defendido mais recentemente é a importância da teoria e discussão metodológica para pensar como trabalhar textos e cultura material, pois no caso do mundo romano, os contextos geográficos e temporais são muitos variados. A principal contribuição da Arqueologia Histórica (em seu viés pós-processual) seria, em minha opinião, o foco na dimensão material da vida social, bem como na possibilidade de explorar as ambiguidades e heterogeneidade da materialidade ao contrapor a outros discursos, pois como afirmam Hicks e Beaudry (2006: 7) o estudioso que adota essa postura estaria *'(...) em uma posição única para combinar aspectos materiais e imateriais'* de uma sociedade.

Assim, considerando que os discursos acerca do passado são construídos a partir do presente e que a cultura material, da mesma forma que a linguagem, é polissêmica (Hodder, 1989), gostaria de tecer alguns comentários acerca da potencialidade de Pompeia e da escrita encontrada em suas paredes para pensar a diversidade cultural romana.

Cultura material e escrita

Conforme tenho comentado em outros trabalhos, especialmente em um publicado em 2010 (Garraffoni, 2010), é importante destacar que para se aproximarem do mundo romano os estudiosos se baseiam, na sua grande maioria, nos textos. Embora Alföldy (1989) tenha defendido que não é mais possível fazer história antiga sem arqueologia nos anos de 1980, a prioridade dos historiadores segue sendo a leitura de textos variados, desde tratados filosóficos até obras satíricas escritas nos mais diferentes períodos da história de Roma. Seguramente todas essas obras trazem aspectos singulares para o conhecimento do cotidiano romano, destacando as formas de pensar e agir no mundo, as maneiras de relacionar com a Natureza, com os deuses,

⁶ Para detalhes desse debate, cf. Garraffoni 2008.

como constroem sua identidade e definem a alteridade. No entanto, os textos possuem uma limitação prática que é importante ressaltar: se restringem às percepções das elites letradas ou às visões de mundo de pessoas próximas aos círculos de poder. São frutos do conhecimento de uma pequena parcela de cidadãos que viveram durante o período romano e nos apresenta uma percepção de mundo fundamentada em valores masculinos, construídos a partir de uma cultura bastante militarizada.

Embora os textos prevaleçam como documentação básica para a historiografia, isso não quer dizer que sejam a única forma de escrita encontrada no mundo romano. As escavações em sítios arqueológicos romanos, das diferentes áreas que o império ocupou, têm produzido um imenso *corpus* de inscrições proporcionando aos estudiosos uma grande quantidade de informações criadas pelos mais distintos segmentos da sociedade. Tais informações, pintadas ou entalhadas na cerâmica, na vidraria, nas lápides funerárias, nos edifícios públicos, nos arcos de triunfos, nas paredes, entre tantos outros suportes materiais, têm permitido uma aproximação a vários aspectos do cotidiano romano que, muitas vezes, são inexistentes nos textos canônicos. Essas inscrições, bem como a cultura material encontrada, trazem à superfície modos de vida esquecidos pela história, expressões e fragmentos do cotidiano de mulheres, escravos/as, cidadãos pobres, libertos/as, soldados de baixo escalão, indicam a presença de crianças e idosos, multiplicando os laços de afetividade e formas de existência. Nesse sentido, como Peter Ucko destacou em diferentes estudos (1989; 1995, por exemplo) a cultura material e suas ambiguidades, estudadas a partir do ponto de vista crítico, expressam a complexidade das sociedades, o dinamismo das culturas humanas, os distintos contextos históricos e propiciam a construção de modelos interpretativos menos excludentes.

Com essa perspectiva em mente passo, então, ao estudo de caso sobre Pompeia, cidade ocupada pelos romanos, localizada no sul da Península itálica. Não vou aqui realizar um estudo da cidade como um todo, mas pelo contrário, gostaria de me focar em uma rua, a *Via dei Lupanar*. Do ponto de vista metodológico, é importante ressaltar que a razão para essa escolha não é aleatória, mas se deu pelo fato de que é nessa rua que se encontra a esquina com inscrições diversas que li, ao acaso, durante o levantamento de documentação que comentei no início dessa reflexão.

Por se tratar de uma rua que passa por um prostíbulo, seguramente havia muitas inscrições de caráter sexual registradas no *CIL* referentes a essa região. No entanto, o que me chamou imediatamente a atenção foi a presença de muitas propagandas de lutas de gladiadores e *posters* de propaganda eleitoral. Embora já tivesse me deparado com trabalhos como o de Savunen (1995), que destaca o papel da mulher nas eleições de Pompeia a partir dessas propagandas, o de Sabbatini Tumolesi (1980) que discute a importância dos anúncios das lutas de gladiadores para compreender o cotidiano dos jogos ou de Lourdes Feitosa (2005) sobre os

grafites de cunho sexual, nenhum deles analisa, diretamente, a relação das inscrições com o contexto arqueológico no qual foram encontradas. Baseada nessas constatações preliminares e em nas considerações de Voss (2000: 7), nas quais chama atenção para o fato de que é necessário entender as diversas formas de práticas sexuais no passado conectadas com o contexto social e cultural da sociedade estudada, me pareceu interessante realizar um estudo da área do prostíbulo como um espaço da escrita que nos desafia a entender aspectos da sexualidade romana e o cotidiano marginalizado nos discursos acadêmicos a partir de uma perspectiva material que, do ponto de vista metodológico, não vincula sua existência a necessidade de comprovar os textos canônicos, como o fez Wallace-Hadrill (1996).

Rua do Lupanar: considerações iniciais

Uma das particularidades das cidades romanas é a quantidade de inscrições que eram expostas em suas paredes e Pompeia não era uma exceção. As paredes que sobreviveram a erupção vulcânica de 79 d.C. se tornaram um *corpus* arqueológico bastante diversificado e importante: nele encontramos pinturas de diferentes estilos e períodos e grande variedade de inscrições que desafiam os modelos interpretativos dos estudiosos modernos. Para critério de esclarecimento, vale destacar que as inscrições romanas podem ser divididas em dois grandes grupos; os *titulipicti* e os grafites. A maior parte dos *titulipictis* são as propagandas eleitorais, uma das mais importantes fontes sobre eleições locais durante a ocupação romana (Savunen, 1995) ou as propagandas de lutas de gladiadores, fundamentais para entender a estrutura dos espetáculos e seus variados aspectos (Garraffoni, 2005; Weeber, 1994). Se por um lado os anúncios eram pintados com tinta e pinceis nas paredes externas por profissionais e poderiam ser lidos de longe, por outro os grafites são inscrições pequenas escritas por qualquer pessoa. Seus autores usavam o *graphium*, estilete, para escrever esses pequenos textos nas paredes externas ou internas dos edifícios. Como já destaquei em outras ocasiões, o grafite, por ser pequeno, força o escritor se aproximar da parede tanto para ler, como para modificá-lo, causando diferentes formas de interação.

Esses três tipos de inscrições são encontradas na área do prostíbulo. O *lupanar* (7.12.18-20) é, ainda hoje, um dos lugares mais procurados pelos turistas que visitam Pompeia, pois é possível ver os leitos de alvenaria e os diferentes tipos de pinturas eróticas em suas paredes. Se esse lugar é aceito por todos os estudiosos com um prostíbulo, vale ressaltar que a quantidade exata de prostíbulos em Pompeia é um imenso e incluso debate desde o século XIX. McGinn (2002) discute e historiciza exatamente essa questão: desde as primeiras escavações não há consenso, há quem afirme de existem mais de trinta e cinco prostíbulos na cidade e outros que afirmam que somente esse da rua do *Lupanar* é um autentico exemplar. O problema da

definição gira em torno de duas questões centrais, pois, ainda segundo McGinn, é preciso entender os métodos empregados pelos estudiosos na definição de um prostíbulo romano e como estruturam a argumentação em suas publicações. McGinn argumenta que mesmo que não haja um número preciso, isso não implica em dizer que a prostituição era inexistente ou pouco praticada, muito pelo contrário, vários bares, tabernas, banhos públicos e hospedarias poderiam assumir o lugar de prostíbulo.

Como o prostíbulo está intimamente ligado a prostituição e os lugares em que estão presentes podem ser marcados culturalmente de diferentes maneiras (aqui McGinn nos lembra que na modernidade os prostíbulos estavam em muitos lugares e poderiam ser casas comuns, identificadas pela luz vermelha, por exemplo), definir seu número passa, portanto, por pensar a estrutura arqueológica dos lugares indicados, a efemeridade das marcas e aquilo que denomina geografia econômica. McGinn analisa as explicações de Wallace Hadrill e Laurence e acredita que, diferente do que pensa os colegas, não há uma área específica e afastada para os prostíbulos, eles estariam próximos a bares, tabernas e dos locais por onde circulavam membros da elite e poderiam ser sinalizados de maneiras específicas que nem sempre podem ser identificadas na atualidade. Nesse sentido, mais que apontar um edifício, o estudioso deveria levar em conta todo o entorno: comércio de comida, pinturas e inscrições de parede e, também, propor um estudo comparado com a literatura.

Embora o artigo de seja mais recente e apresente o debate de maneira mais sistematizada, também é importante levar em conta algumas considerações anteriores de Franklin (1985) que não são tão exploradas por McGinn. Franklin afirma que áreas de prováveis prostíbulos recebem pouca atenção e são menos estudadas. Em meados dos anos de 1980 já defendia que mesmo que alguns achassem insignificante o estudo da região, se prestarmos atenção na esquina da 'Via degli Augustali' e do 'Vico del Lupanare' é possível notar que há muita informação: nove cartazes de propaganda eleitoral e quatro anúncios de lutas de gladiadores. De fato, o 'Vico del Lupanare' forma um ângulo obtuso com a 'Via Augustali' onde se localiza um bar, há apenas duas portas da entrada do prostíbulo. Franklin destaca ainda que o local estava próximo da 'Via Stabiana', uma das ruas principais da cidade e, por isso, ao contrário da primeira impressão, era bem localizada e atrativa ao passante. O autor argumenta, também, que o triângulo formado pelo encontro das esquinas era um espaço importante também, não só por que estava aberto à escrita, mas por que a praça que se formava ali era um ponto de encontro da vizinhança.

Se há treze inscrições pintadas nessa esquina, dentro do prostíbulo há cerca de cento e quarenta grafites e todos com referências sexuais. Há uma grande diversidade de grafites sobre encontros sexuais e eles nos introduzem a um estilo gráfico bastante singular que mescla texto e imagem. Alguns grafites são desenhos de pênis que podem ou não ter inscrições e outras

são inscrições que se referem as mais diferentes práticas sexuais. Essa heterogeneidade implica em uma quantidade de informações pouco estudadas sobre as práticas sexuais entre os romanos, como já destacou Feitosa (2005), pois incluem nomes de homens e mulheres e, como Franklin (1985) notou, das mais distintas origens sociais e étnicas.

Seguramente o termo mais encontrado nessas inscrições é o verbo *future*, que em um português mais polido que dizer ‘ter relação sexual com’, mas em termos coloquiais simplesmente significa ‘foder’. Das cento e quarenta inscrições encontradas, trinta apresenta o verbo. Feitosa (2005) destacou que há um grande debate sobre o significado dessas inscrições entre os romanos. Alguns estudiosos como Varone defendem que as frequentes inscrições fazem parte de um desejo incontrolável dos homens romanos de escrever sobre o encontro sexual e compartilhar o prazer de suas aventuras (Varone, 2000:79). Já outros, como Adams, preferem afirmar que é um enaltecimento da virilidade romana (Adams, 1996:161).

A grande maioria dos autores se detém a estudar a sexualidade romana a partir do ato da penetração e poucos se dedicaram, por exemplo, a pensar que tais grafites poderiam ter sido escritos por mulheres ou mesmo comparar a outras práticas que aparecem nas paredes, como a da cunilíngua (Feitosa, 2005). Alguns desses grafites espalhados pela cidade se referem a ataques morais às pessoas mencionadas⁷, mas são bem poucos se comparados a qualquer outra categoria. Já no prostíbulo o termo *cunnumlingere* aparece somente uma vez, mas o verbo *fello* pode ser lido em sete inscrições, a maioria como constatações ou elogios, como os seguintes exemplos:

Ismenusfelattor(CIL IV, 2169)

Fortunatafellat (CIL IV, 2259)

Murtis bene fellas (CIL IV, 2273)

Como em vários casos temos os preços expostos, algumas questões podem ser pensadas: seriam homens praticando prostituição para satisfazer mulheres? Ou a homens? Quem pagaria os serviços? Todas são questões difíceis de responder, mas nos provocam a repensar as interpretações vigentes sobre sexualidade romana, pois indicam a existência de práticas que pouco aparecem em textos e, geralmente, são condenadas pela moralidade de seus autores. Os grafites expressam encontros íntimos em um discurso sexual para ser lido por anônimos passantes. Suas palavras tornam visíveis aspectos da vida pouco comentados na academia e cercados de tabus na modernidade e podem ajudar a questionar modelos fundamentados na

⁷Confira os seguintes grafites: CIL IV 2081, 4304, 1331, 3925.

heteronormatividade, uma vez que em muitos grafites há mais de uma possibilidade de interpretação. Nas ambiguidades desses grafites percebem-se práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo ou não, abrindo possibilidades não só para pensarmos a experiência sexual na sua diversidade como também, para buscarmos uma interpretação mais balanceada do cotidiano romano. Nesse sentido, os grafites encontrados no prostíbulo ao serem introduzidos nos discursos acadêmicos ajudam a iluminar aspectos poucos conhecidos do cotidiano romano e a pensar as paixões e desejos como parte de vidas que só pudemos perceber a partir dos fragmentos gravados nessas paredes. Tais espaços de escrita, oficial ou espontânea, nos permitem pensar paixões e política em suas múltiplas facetas e perceber a vida cotidiana pulsando em meio à diversidade.

Considerações Finais

Ao iniciar essa reflexão procurei destacar as profundas mudanças geradas no pensamento acadêmico pelas críticas pós-modernas e como elas têm sensibilizado os estudiosos para a urgência de se rever modelos interpretativos e a romper silêncios, abrindo a possibilidade de novas abordagens aos distintos períodos históricos. Ao me deparar com essa esquina de Pompeia muitos desses questionamentos vieram à tona, pois estava diante de um local pouco discutido pelos estudiosos, embora muito citado como curiosidade em diferentes livros e guias turísticos sobre Pompeia. A diversidade de informações me surpreendeu, não imaginava que uma esquina pudesse reunir tantas inscrições distintas. Além disso, a breve observação de Franklin no qual a esquina seria um espaço público, um ponto de encontro, fez com que percebesse as paixões ali descritas e vividas. Somado a isso, as considerações de McGinn sobre a importância do comércio no entorno e a inserção do prostíbulo no cotidiano da cidade permitiu que entendesse esse local do sítio arqueológico de maneira mais ampla, inclusive perceber que está situado a alguns metros do fórum, coração político e cívico da cidade romana.

Por ser um ponto de encontro, as pessoas que passavam por ali poderiam se divertir em bares e serem introduzidas em um espaço no qual a escrita expandia a vida a outros pontos da cidade, mesclando os mais distintos aspectos do cotidiano romano, ou seja, espetáculos de gladiadores, política e as práticas sexuais. Nessa esquina os passantes anônimos poderiam ler sobre propaganda eleitoral e se informarem sobre quem apoiava determinada pessoa a qual cargo ou saber qual tropa de gladiadores estaria na cidade, indicando os diversos tipos de encontros públicos. Já os grafites sexuais gravados no interior do prostíbulo ali localizado expõem os encontros íntimos e possibilitam introduzir no discurso arqueológico as percepções que nem sempre são citadas. Todas essas inscrições foram encontradas em uma área populosa da cidade e indicam intensa interação social e pessoal. Elas permitem pensar as formas de

inserção das pessoas no espaço urbano, seja como apoio político, realização de espetáculos ou mesmo os encontros sexuais. Indicam a presença de inscrições oficiais e os desejos das pessoas comuns. As inscrições, das mais diferentes formas e tamanhos, presentes nas paredes dessa esquina permitem reflexões sobre política e prazeres, nos envolvendo as mais distintas formas de paixões pela vida.

As diferentes pulsões traçadas nessas paredes permitem, também, pensarmos em um novo viés de análise. Como destacado por Hall (2012: 323), rever a metodologia ao trabalhar com arqueologia, sexualidade e política implica em pensar a relação entre conceito e evidência material e abrir espaços para análises que considerem a presença das práticas sexuais em diferentes contextos do ambiente urbano.

Essa postura é fundamental para questionar um aspecto da interpretação proposta por Wallace-Hadrill (1996). Em um artigo intitulado ‘Public honor andprivateshame: theurbantexture os Pompeii’ afirma que a ideia de Sêneca, na qual as cidades possuem uma geografia moral e os edifícios carregariam essas emoções de virtude ou vício, pode ser aplicada a Pompeia. Dividindo a cidade em áreas virtuosas ou plenas de vícios, afirma que os prostíbulos e bares pertencem a áreas escuras da cidade, ruelas tortas e mal iluminadas pelas quais circulariam desclassificados, atores, prostitutas. No modelo de cidade por ele proposto, a vida pública dos decuriões e magistrados, as honras públicas e cerimônias seriam realizadas em área nobres do fórum, enquanto atividades menos nobres como sexo, comida e bebida estariam espacialmente localizadas nas ruas estreitas de baixa reputação. Ao sobrepor a percepção do texto de Sêneca a materialidade de Pompeia seu modelo não considera que a esquina mencionada está há poucas quadras do fórum e tampouco permite pensar que a política poderia se fazer presente em áreas que delimitou como de ‘vícios’.

Mesmo sabendo que o prostíbulo está localizado em uma rua estreita, a quantidade de inscrições encontradas dentro dele e nos arredores parece expressar muito mais interação do que exclusão no contexto urbano, o que me deixa mais próxima do argumento de McGinn (2002). Essa esquina e suas inscrições, analisadas em seu contexto material, ajudam a repensar a sobreposição do texto canônico sobre a cultura material e nos desafiam a construir modelos interpretativos menos normativos para entender a relação entre encontros íntimos e públicos. O encontro dessas ruas, com suas diversas inscrições também indica a necessidade de rever interpretações binárias e reconhecer a complexidade e fluidez do espaço urbano, bem como suas implicações na vida cotidiana dos que por ali passaram e leram suas paredes. Mesmo que essa seja uma análise ainda preliminar, acredito que pensar as inscrições oficiais e de caráter popular inseridas no contexto e na estrutura urbana de Pompeia é uma estratégia instigante para perceber as ambiguidades dos espaços e dos sujeitos que por eles circularam.

Agradecimentos

Agradeço a Cláudia Parellada pelo convite para participar do VIII Encontro da SAB/Sul e também aos seguintes colegas que acompanham meu trabalho sempre com sugestões e diálogos frutíferos: Glaydson José da Silva, Lourdes Feitosa, Pedro Paulo Funari e Ray Laurence. A responsabilidade pelas ideias recai apenas sobre a autora.

Referências bibliográficas

- ADAMS, J. N. *Il vocabolario del sesso a Roma. Analisi del linguaggio sessuale nella latinità*, Roma: Argo, 1996.
- ALFÖLDI, G. *A história social de Roma*, Lisboa: Ed. Presença, 1989.
- Arnold, B. “The past as propaganda: totalitarian archaeology in nazi Germany”, *Antiquity*, 1990. 64, 464-478.
- BERNAL, M. *Black Athena: The afroasiatic roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers, 1987.
- COURTNEY, P. “Historians and Archaeologists: an English perspective”, IN: *Historical Archaeology*, 2007.41 (2): 34 - 45.
- DELEUZE, G. *Conversações*, Rio de Janeiro: Editora, p. 34, 1990.
- DUARTE, A. *Vidas em risco – crítica do presente em Heidegger, arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FEITOSA, L.C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*, São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FRANKLIN, J.L. “Games and a *Lupanar*: prosopography of a neighborhood in Anciente Pompeii”, IN: *Classical Journal*, 81,p. 319-328, 1985.
- GARRAFFONI, R.S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*, São Paulo: Editora Annablume/ FAPESP, 2005.
- _____. “Arqueologia e História: a busca por um diálogo”, in: Terezinha Oliveira. (Org.). *Antiguidade e Medievo: Olhares Históricos-Filosóficos da Educação*, Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, p. 49-60, 2008.
- _____. “Via del Lupanar em Pompéia: contribuições da arqueologia para repensar política e sexualidade no mundo romano”. In: Oliveira, T. (Org.). *História e historiografia da Educação nos Clássicos: estudos sobre Antiguidade e Medievo*. Dourados: UEMS, p. 57-71, 2010.

- HALL, M. 'Sexuality and materiality – the challenge of Method', in: Voss, B.L.; Casella, E.C.. (Orgs.). *The archaeology of colonialism: intimate encounters and sexual effects*. Nova York: Cambridge University Press, p. 323-340, 2012.
- HICKS, D. e BRADUDRY, M.C. (orgs.). *The Cambridge Companion to Historical archaeology*. Cambridge: CUP, 2006.
- HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire*, Londres: Routledge, 2005.
- HODDER, I. (org). *The meaning of things – material culture and symbolic expression*, Londres: Harper Collins Academic, 1989.
- LAURENCE, R. "The uneasy dialogue between ancient History and Archaeology" in: *The cities of Vesuvius: Pompeii & Herculaneum – A special issue of Ancient History: resources for teachers*, Sidney: MacGuare University, p. 99-111, 2005.
- MCGINN, T.A.J. 'Pompeian brothels and social history', IN: *Journal of Roman Archaeology*, Supplementary series, 47p. 2002.
- SABBATINI, Tumolesi, P.L. *Gladiatorum paria: annunci di spettacoli gladiatorii a Pompei*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1980.
- SAVUNEN, L. "Woman and election in Pompeii", in: Hawley, R. et Levick, B. (orgs) *Women in Antiquity*, Londres: Routledge, 1995.
- SILVA, G.J. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940/44)*, São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.
- VARONE, A. *L'erotismo a Pompei*. Roma: L' Erma, 2000.
- VOSS, B. L. and Schmit, R.A. "Archaeologies of Sexuality: an introduction", in: Voss B.L. e Schmit R. A. (orgs) *Archaeologies of Sexuality*, Londres: Routledge, p. 1-32, 2000.
- WALLACE-HADRILL, A. "Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii", in: Cornell, T.J. e Lomas, K. (orgs.) *Urban society in Roman Italy*, Londres; UCL Press, p.39-62, 1996.
- WEEBER, K.-W. *Panem et circenses: Massenunterhaltung als Politikinstrumenten Rom*, Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1994.